

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

FÍBULAS DE TIPO NAUHEIM NO CASTRO DA LOMBA DO CANHO, EM ARGANIL.

NUNES, João de Castro

Ano: 1959 | Número: 69

Como citar este documento:

NUNES, João de Castro, Fíbulas de tipo nauheim no castro da Lomba do Canho, em Arganil. *Revista de Guimarães*, 69 (3-4) Jul.-Dez. 1959, p. 397-416.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt

URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Fíbulas de tipo Nauheim no castro da Lomba do Canho, em Arganil

Pelo Dr. JOÃO DE CASTRO NUNES
Leitor de Português na Univ. de Salamanca

São duas já as fíbulas de tipo Nauheim proporcionadas pelas investigações em curso no castro da Lomba do Canho, em Arganil, uma lisa e outra decorada.

Antes, porém, de nos ocuparmos propriamente delas e de tirarmos ilações da sua presença ali, vamos tentar expor em síntese o que há de particular sobre a matéria.

Foi R. Beltz ⁽¹⁾, quem, seguindo a classificação geral de O. Tischler, elaborou para o território da Alemanha uma primeira lista dos achados deste tipo, cuja denominação anda vinculada à grande necrópole de Bad Nauheim, na vizinhança de Francfort, onde o tipo em causa está representado por nada menos de 19 exemplares, afora 2 provenientes do povoado respectivo, do último período La Tène, ou seja, do séc. I antes de Cristo.

Anos mais tarde J. Déchelette ⁽²⁾, no capítulo dedicado às fíbulas de La Tène III, dá o tipo em questão como vulgar também na Gália, «notamment à Bibracte et en Auvergne (Corent et Gergovie)», considerando-o caracterizado «par un ressort à quatre spires, sans griffe, un arc faiblement infléchi, à dos plat, et qui va en s'amincissant de la tête au pied». Diz ainda J. Déchelette *ob. cit.* p. 762 que o aludido arco «est souvent orné dans sa partie large de bandes longitudinales ciselées» e que «la corde du ressort passe

(1) *Die Latènefibeln*, 5. Bericht über die Tätigkeit der von der Deutschen Anthr. Gesellschaft gewählten Kommission für prähistorische Typenkarten (*Zeitschrift für Ethnologie* XLIII 1911 pp. 794 ss.).

(2) *Manuel d'Archéologie* IV Paris 1927 pp. 761-763.

en dessous de l'arc», tratando-se em suma de uma forma «très répandue, tout à fait caractéristique pour la fin de La Tène III».

Ultimamente ocupou-se do assunto o Prof. J. Werner (1), da Universidade de Munique, dedicando-lhe um exaustivo estudo de conjunto, a cuja doutrina nos atemos para efeitos de classificação e interpretação do material que constitui o objectivo da presente nota, que oxalá sirva de incentivo para uma investigação sistemática, em território português, de tão inconfundível tipo de fíbula, particularmente destinado, entre os demais tipos das últimas fases de La Tène, a servir de sólida base cronológica para as manifestações finais da época do Ferro (2).

Como fíbula de tipo Nauheim, considera J. Werner *art. cit.* pp. 170-171 uma fíbula de bronze, dos

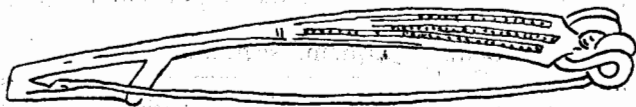


Fig. 1 — Fíbula do Hradischt de Stradontiz, na Boémia.

(Segundo Werner)

últimos tempos de La Tène, plana e pouco arqueada, com mola em espiral de quatro voltas e corda interior, arco triangular agudo, martelado à laia de folha, e pé univazado, contíguo, variando de acutângulo a rectangular. A título de exemplificação, apresenta J. Werner *art. cit.* p. 187 fig. 1 (16) a conhecida fíbula do Hradischt de Stradonitz, na Boémia, que igualmente aqui reproduzimos (fig. 1) com idêntico propósito.

Quanto ao arco, tanto pode ser liso como conter estrias de sentido longitudinal ou uma só linha média

(1) *Die Naheimer Fibel (Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentralmuseums Mainz II 1955 pp. 170-195).*

(2) «Unter den Fibeln der Spätlatènezeit scheint gerade diese Fibelform besonders geeignet, die Chronologie des letzten Abschnitts der vorrömischen Eisenzeit fester zu unterbauen» (J. Werner *art. cit.* p. 170).

em ziguezague, oscilando o comprimento dos exemplares referenciados, que por sinal apresentam sempre uma pátina brilhante, de 4 a 8,5 cm. (1). O tipo é inteiriço, querendo isto dizer que fusilhão, arco e pé constituem uma só peça, para cujo arranjo ou disposição em arco de besta houve que torcer, após a fundição, a respectiva agulha ou fusilhão. De resto, nem a diferença de decoração do arco nem o tamanho de cada exemplar são elementos valorizáveis para efeitos de cronologia e difusão. A avaliar pelos achados funerários, tais fíbulas parecem pertencer à indumentária feminina, porquanto costumam encontrar-se em associação com pulseiras ocas de bronze, pentes, berloques em forma de pequenas rodas, fusaiolas, pulseiras de vidro e pérolas ou contas estriadas, também de vidro. Já de sepulturas averiguadamente masculinas, não se conhece até agora nenhum exemplar. Na zona correspondente ao Reno central ou médio tem havido um predomínio de achados de fíbulas aos pares (2).

Pelo que respeita às circunstâncias da sua localização e difusão, são 131 os lugares em que J. Werner *art. cit.* pp. 171 e 182-186 regista a presença da fíbula Nauheim, sendo naturalmente de esperar, de uma revisão da bibliografia local e de novas consultas aos museus, um aumento considerável de tal cifra, na França sobretudo (3). Destes 131 lugares com acha-

(1) No inventário das fíbulas galo-romanas de Mandeuve, recentemente organizado e publicado por L. Lerat no vol. XVI dos *Annales Littéraires de l'Université de Besançon (Catalogue des collections archéologiques de Montbéliard)* Paris 1957, vem referida, no entanto, a pp. 11 est. I (13), uma com 9,5 cm. de comprimento, «ce qui en fait, semble-t-il, la plus grande connue», possuindo ainda a particularidade de apresentar no pé um duplo vazado, «ce qui est exceptionnel dans le type de Nauheim».

(2) Interessante, a este propósito, é o caso das duas fíbulas idênticas, «formant paire et autrefois réunies par une chaînette», a que igualmente alude o inventário citado na nota anterior, a pp. 11 est. I (17 e 18).

(3) Assim, por exemplo, o recente inventário de L. Lerat, a que fizemos alusão nas duas notas precedentes, permite desde já elevar de 1 (cifra de J. Werner) para 13 o número de exemplares fornecidos pelo *oppidum* de Mandeuve, em Côte d'Or, 5 dos quais (n.ºs 14 a 18) com a particularidade de apresentarem a parte central do arco abaulada.

dos, correspondem 41 a povoados, 49 a sepulturas, 6 a cavernas, temporariamente habitadas pelos fins da época La Tène, e 35 a achados isolados, entendendo-se por «Einzelfunde» todos os achados cujas condições de jazimento não foi possível averiguar devidamente, tanto podendo corresponder a povoados como a sepulturas. Em três localidades (Basileia-Fábrica de gás, na Suíça, e Bad Nauheim e Dünsberg, na Alemanha), conhecem-se achados procedentes quer de sepulturas quer de povoados, aos quais aquelas deveriam certamente pertencer.

De entre os 41 povoados que deram fíbulas de tipo Nauheim, 28 correspondem a cidades fortificadas dos últimos tempos de La Tène, tais como os grandes *oppida* de Alesia (com vários exemplares), Bibracte (com 3 ex.), Puy-du-Tour (com 4 ex.), Mandeuve (com 13 ex.), Vesontio-Besançon (com vários ex.), Península de Enge, em Berna (com cerca de 40 ex.), Titelberg (com 3 ex.), Otzenhäuser Ring (com mais de 3 ex.), Manching (com 2 ex.), Gleichberg (com 2 ex.), Hradischt de Stradonitz (com cerca de 15 ex.), Stare Hradisko (com cerca de 7 ex.) e Velem St. Vid (com 15 ex.). Povoações abertas, de certa importância, com fíbula Nauheim, são Basileia-Fábrica de gás (com 9 ex.), na Suíça, e Hochstetten (com 14 ex.) e Bad Nauheim-Estabelecimentos de salinas (com 2 ex.), na Alemanha.

Nas 49 localidades com achados funerários, ou seja, de necrópoles, trata-se em geral, à excepção do caso de Basileia-Fábrica de gás (com 2 ex. em associação com esqueletos), de sepulturas de incineração.

A fíbula Nauheim possui uma área de difusão que vai da Normandia e centro da França, a ocidente, à Hungria ocidental e à Morávia, a oriente, servindo ao norte de limites a orla setentrional da cordilheira central alemã e, ao sul, a vertente meridional dos Alpes, em caso de se prescindir de achados esporádicos, ocorridos isoladamente na costa do Mar do Norte e na planície do Pó. Revela o respectivo mapa de J. Werner *art. cit.* p. 194, com a devida vénia reproduzido nestas páginas (fig. 2), que, enquanto no Reno central ou médio aparecem mais que nada achados funerários, a ocidente e oriente há pelo contrário um

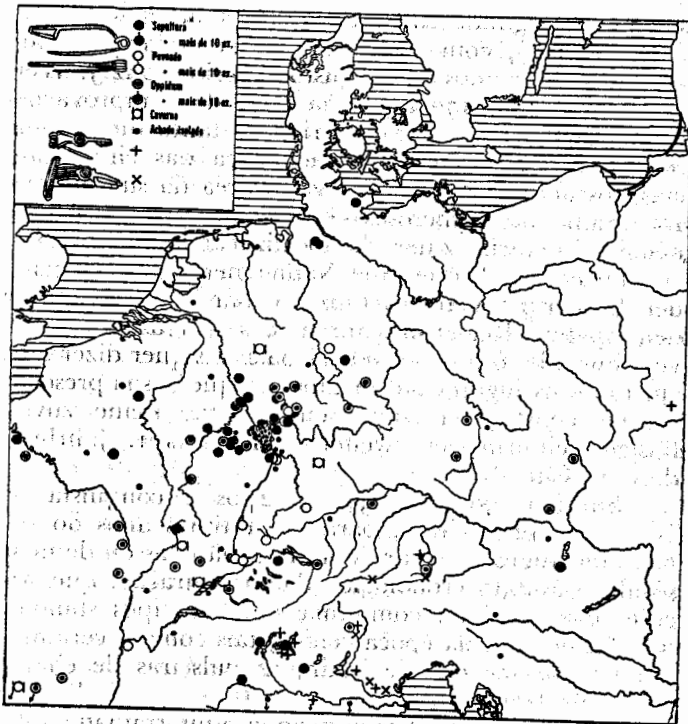


Fig. 2 — Difusão da fíbula Naubeim e do tipo Cenisola, com a correspondente variante Vill.

(Segundo Wernet)

predomínio quase absoluto de achados provenientes de *oppida*. Como, porém, na região dos últimos grandes *oppida* celtas do maciço central francês era de norma a incineração pura e simples, sem qualquer espólio, em ânforas adentro dos próprios povoados, não sendo, portanto, de esperar aqui o aparecimento de achados funerários, resulta evidente que são os achados ocorridos nos lugares de habitação os que melhor traduzem a verdadeira difusão do tipo, tanto mais que a oriente estava longe de existir na mesma época um sistema uniforme de enterramento.

Quanto à cronologia, que investigações recentes sobre material suíço e de Bad Nauheim fixam de

seguro na segunda metade do séc. I antes de Cristo (nunca antes), com uma margem de perduração até aos últimos tempos de Augusto-Tibério, aduz J. Werner *art. cit.* pp. 172-175 uma série de comprovações e limitações de tal acerto, estribadas tanto umas como outras na interpretação arqueológica das circunstâncias dos achados em toda a vasta área da sua difusão. Do exame de numerosos complexos, quer de procedência funerária, quer de localização em povoados, conclui em suma que «die Nauheimer Fibel erst nach der Eroberung Galliens durch Cäsar aufkam und in den späten Regierungsjahren des Augustus wieder verschwand», o que por outras palavras quer dizer que, em todos os lugares ou estratos em que a sua presença ocorre, constitui a fíbula em questão «eine zuverlässige Leitform der zweiten Hälfte des 1. Jahrhunderts v. Chr.».

Surgida, por conseguinte, após a conquista da Gália por Júlio César, para nos últimos anos do reinado de Augusto deixar de usar-se, não passou de meio século o âmbito cronológico da sua duração, que por certo compartilhou com uma série de tipos standardizados dos fins da época céltica, tais como a cerâmica pintada, as moedas de Potin, as pulseiras de chapa, balanças de precisão, etc., etc. Dessa curta duração de meio século é aliás indício a uniformidade este-reotipada que esta espécie de fíbula apresenta, a qual parece constituir um artefacto barato de produção em série, à maneira das fíbulas romanas, sendo até de presumir que nas Gálias foi com a fíbula Nauheim que teve início o processo de fabricação em massa de tal género de objectos.

A avaliar pela área da sua dispersão (cf. o mapa da fig. 2), tem-se antes de mais nada a impressão de que se trata de uma forma «ocidental» («westliche»), correspondendo naturalmente ao denso centro da região do Reno médio uma avultada produção, aliás também documentada na Península de Enge, no cantão de Berna, com os seus 40 exemplares, ou no *oppidum* de Puy-du-Tour, em Argentat, no departamento de La Corrèze, já o mesmo não se dando a oriente, em cujos *oppida* a fíbula Nauheim tem uma escassa representação entre os demais tipos de fíbula,

como é o caso de Gleichberg e Alteburg, na Turíngia, ou de Stare Hradisko e Velem St. Vid, na Morávia e na Hungria, respectivamente. Nestes grandes centros comerciais, aos quais também pertencem Manching, na Baviera, e o Hradischt de Stradonitz, na Boémia, as fíbulas Nauheim parecem ter desempenhado um papel idêntico ao das moedas celtas ocidentais, isto é, seriam outros tantos testemunhos das relações comerciais entre as Gálias ocupadas pelos romanos e a zona celta ainda livre a leste do Reno. De qualquer modo, não seria lícito aplicar às regiões circundantes o caso de tais empórios, pois os achados funerários e a existência de fíbulas nos *oppida* revelam que nas regiões pré-alpinas, na Boémia e na Hungria outros eram precisamente os tipos que predominavam na segunda metade do séc. I antes de Cristo.

A este propósito é elucidativo um confronto com a área de difusão (fig. 3) de uma segunda fíbula de bronze de La Tène final, a variante J de Beltz, a qual, usada aos pares, igualmente pertencia à indumentária feminina. Também no presente caso se destaca uma «provincia de sepulturas» que, em franca expansão, chega desde o centro da Alemanha e do Brandeburgo até ao Vístula inferior e que se encontra em face da zona «sem sepulturas» do sul da Alemanha e da Boémia-Morávia. Embora frequente na região entre o bosque da Turíngia e o rio Havel, não se trata de um tipo oriundo de ali, mas sim de uma forma estranha, de bronze, adentro do conjunto de tipos de fíbula, indígenas, de ferro. Os quantiosos exemplares dos *oppida* celtas de Alteburg e Gleichberg, acrescidos dos escassos achados funerários da região vindélica ao sul do Danúbio, fornecem uma indicação quanto à procedência da variante J, a partir da área dos povoados celtas entre o bosque da Turíngia e a orla dos Alpes. As únicas sepulturas femininas desta zona, ao presente conhecidas, ou sejam, a sepultura de inumação de Trauntein, na Alta Baviera, e a de incineração de Uttenhofen, município de Stephanosching, em Deggendorf, na Baixa Baviera, continham em associação com fivelas de cinturão, de bronze, em forma de passador, diferentes fíbulas da variante J, indício de que estas fíbulas, acentuada-

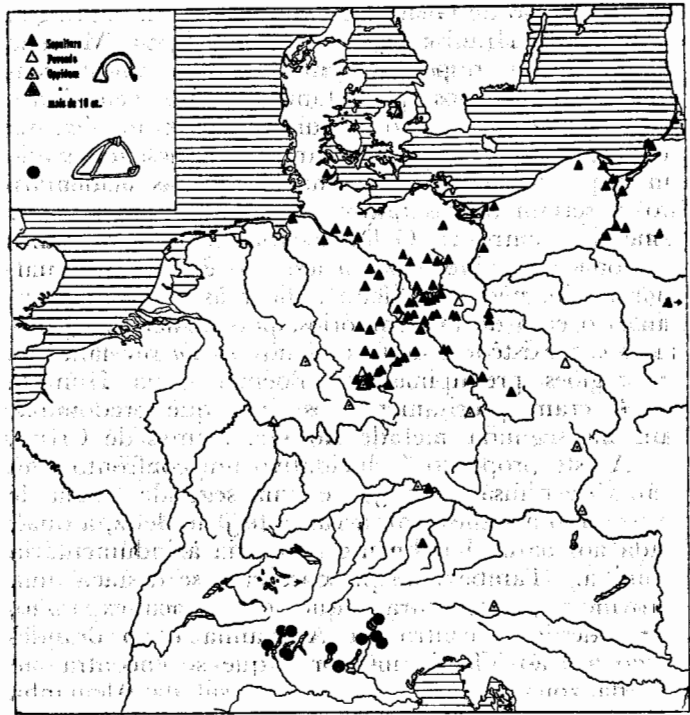


Fig. 3 — Difusão da fibula de bronze do tipo Var. J, de Beltz, e da fibula sul-alpina de inícios da era imperial, mas de tradição La Tène médio.

(Segundo Werner)

mente arqueadas, que se relacionam com formas do sul do Tirol e do norte da Itália (cf. mapa da fig. 3), faziam parte realmente da indumentária feminina na região vindélica pré-alpina, quando mais não seja. Limitado o seu uso, como no tipo Nauheim, à segunda metade do séc. I a. C., tais fíbulas, em conjugação com as fivelas de cinturão, de bronze, em forma de passador, e de alguns outros implementos da indumentária feminina, além das armas, são para a Alemanha central um testemunho do predomínio da influência cultural celta durante o último período La Tène.

Se, portanto, hemos de interpretar correctamente a sua difusão através da respectiva carta, que no tocante

às fontes um diferente estado de coisas ao norte e ao sul em certo modo desvirtua, forçoso é ver na «provincia de sepulturas» germânica do centro da Alemanha um foco de irradiação secundário da zona celta «sem sepulturas» da Alemanha do sul, que seria propriamente o seu país de origem. Pondo em confronto com a sua a área de dispersão da fíbula Nauheim, vê-se, aliás, que, no uso da fíbula, a «provincia de sepulturas» tendia a expandir-se para sul e não para ocidente, ou seja, para o Reno médio. É que, pela sua difusão, a fíbula Nauheim e a variante J são pelo visto incompatíveis, nada querendo dizer certamente a presença daquela nos grandes *oppida* de deste, quer nas cordilheiras centrais quer no Danúbio, pois que nestas regiões era a variante J que realmente dominava.

A concentração da variante J no centro da Alemanha e da fíbula Nauheim entre o Reno e o Mosela, com raiz em usos funerários, permite, pois, supor, para a fíbula Nauheim, que ela é essencialmente uma forma «ocidental» que dominava na zona «sem sepulturas» do sul da Alemanha, quando muito ainda até ao Danúbio superior. Mas o centro de gravidade da sua difusão encontra-se, sem dúvida, à esquerda do Reno, representando por conseguinte a «provincia de sepulturas» do Reno médio uma saliência oriental de amplas regiões «sem sepulturas», que continuam para sudoeste e das quais apenas se conhecem achados de povoados.

Do que não há dúvida é de que nas Gálias não só se fabricaram em grande quantidade fíbulas de tipo Nauheim, como inclusivamente é de presumir, em face da sua dispersão «ocidental», que ali se tenham originado, se é que realmente não se devem a uma introdução imediata, a partir da Gália cisalpina, ao começo da ocupação romana. De um modo geral, a sua forma não é senão a expressão de uma moda de fíbulas que prefere pequenos modelos planos aos tipos alongados ou pronunciadamente arqueados, moda essa que se mantém nas Gálias — o que é deveras sintomático — até aos primórdios da era imperial, substituindo apenas a construção singela em espiral não protegida do esquema de Nauheim por um resorte de gancho

e espiral coberta, segundo um modelo de pé maciço ou vazado com desenhos. Embora este não seja o lugar adequado para tratar da evolução que deu lugar à fíbula de espiral coberta ou protegida, convém frisar, ao menos de passagem, que tal forma se seguiu à fase Nauheim unicamente à volta do ano do nascimento de Cristo, resultando, pois, contraditório querer situar, com base num artigo mal fundamentado de O. Almgren sobre as fíbulas de Alesia e Bibracte, as formas continuadoras do tipo Nauheim, e outras igualmente evoluídas, numa época anterior à segunda metade do séc. I a. C., em que precisamente teve início o referido tipo. Possível é até que o resguardo da mola em espiral da fíbula de resorte protegido não passe de uma imitação da cobertura de charneira das fíbulas de Aucissa, de que não há exemplares conhecidos de época anterior a Augusto.

Além das fíbulas de tipo Nauheim com ponte ou arco triangular estreito, existem fíbulas mais singelas de arame, de análogo perfil, que se enquadram em esquemas dos fins da época La Tène. Mas enquanto que a estrutura filiforme representa uma velha tradição La Tène, o arco de chapa metálica, martelado em forma triangular, constitui propriamente uma novidade. E, a não querer considerar-se a inovação como um invento ou criação dos fundidores galos, haverá então que atribuí-la a modelos certamente itálicos.

Na Alta Itália há, com efeito, fíbulas de charneira, de bronze, com larga ponte triangular de chapa e pé curto abotoado, que já a O. Tischler tinham chamado a atenção, quer pela sua ampla difusão, quer sobretudo pela sua extensão às Gálias (cf. fig. 4). Embora não datáveis com exactidão, é provável, todavia, que estas fíbulas, que chegam a atingir 7,5 cm. de comprimento, ainda se usassem nos primórdios da ocupação romana. Ora, se as fíbulas itálicas de ponte ou arco laminar se estenderam às Gálias na época de César, como supõe O. Tischler, é por conseguinte muitíssimo possível que nelas se inspirasse a forma de ponte da fíbula Nauheim, tal como nelas é possível que igualmente se inspirasse, quanto à charneira, a fíbula de Aucissa.

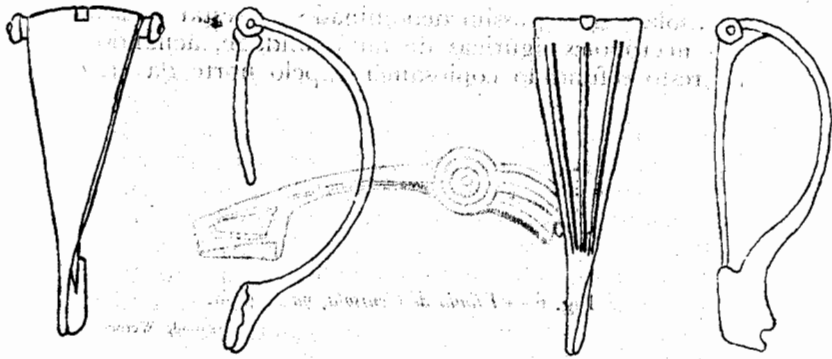


Fig. 4 — Fíbulas de Vindonissa e Alesia, na Suíça e na França, respectivamente.

(Segundo Werner)

É o certo é que na necrópole de Giubiasco, no Tessino, há notícia de uma fíbula itálica de ponte laminar, que, em vez de charneira, apresenta um resorte em espiral (fig. 5), constituindo a sua forma a transição para um outro tipo de fíbulas da Alta Itália, por certo que também documentado em Giubiasco e que deverá considerar-se como um fenómeno paralelo à criação da fíbula Nauheim gala. Trata-se de fíbulas de bronze, de construção em arco de besta, com pé



Fig. 5 — Fíbula de Giubiasco, no Tessino.

(Segundo Werner)

univazado e mola de corda interior, apresentando a respectiva ponte, de estrutura laminar, um disco ao meio com círculos concêntricos. É o chamado tipo de

Cenisola (fig. 6), assim denominado por estar presente nas necrópoles ligúricas de tal localidade, achando-se de resto difundido copiosamente pelo norte da Itália



Fig. 6 — *Fíbula de Cenisola, na Ligúria.*

(Segundo Werner)

(cf. mapa da fig. 2) e surgindo ainda, como puro objecto de importação, nos povoados de Karlstein, em Reichenhall, na Alta Baviera, e de Igolomia-Zofipol, na região de Cracóvia, na Polónia. De Giubiasco há 5 exemplares, um dos quais associado a um numisma de Cláudio, o que revela que o tipo, originado na segunda metade do séc. I, antes de Cristo, se mete consideravelmente pelo século seguinte.

Deste mesmo tipo há uma variante de maior tamanho, que não é fácil determinar se é uma forma precursora ou antes uma variante simultânea das peças mais antigas da série principal. Caracterizam-na uma larga mola enrolada em espiral de corda exterior e uma ponte ricamente decorada, sendo típico de tal

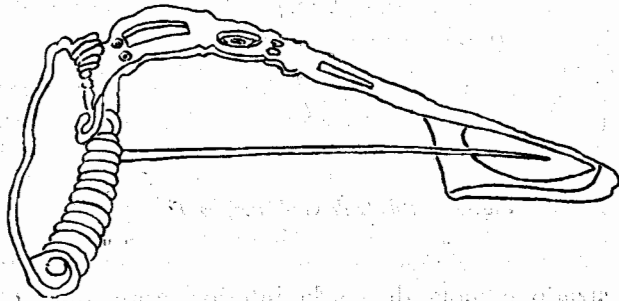


Fig. 7 — *Fíbula de Vill, no norte do Tirol.*

(Segundo Werner)

modalidade o exemplar de Vill (fig. 7), no norte do Tirol, por cujo nome se designa. Fora do norte da Itália, surge esporadicamente nos vales setentrionais dos Alpes.

Até que ponto o esquema da fíbula Nauheim se tinha enraizado na Gália cisalpina, demonstra-no-lo finalmente, além do tipo de Cenisola e demais fíbulas do tipo de Nauheim, uma outra fíbula também de bronze e construção em arco de besta, com ponte laminar de chapá e mola em espiral de corda interior, que está representada na necrópole de Giubiasco — de onde a designação do tipo — por nada menos de 14 exemplares, conhecendo-se 1 também de Marzabotto, a sudeste de Bolonha. O tipo Giubiasco, que tem no arco uma cruz aspada entre dois entalhes, prolonga-se no Tessino, ao que parece, pelos começos da era imperial.

Ao considerar a fíbula Nauheim em relação com a sua parentela itálica, tem-se desde logo a impressão de que a sua origem é devida aos estímulos de uma moda do norte da Itália, que penetrou nas Gálias com a conquista romana. É um produto, ao cabo e ao resto, da civilização celta dos *oppida* durante as décadas que medeiam entre a guerra das Gálias, de Júlio César, e a nova ordenação do país sob a autoridade de Augusto, a partir do ano 12 a. C., não havendo até agora indícios de ter sido usada antes da conquista das Gálias pelos romanos, como tão pouco é de crer haja sobrevivido à nova moda que, durante a época de Augusto, surgiu com as fíbulas de Aucissa e as fíbulas arqueadas, impondo as novidades técnicas da espiral coberta e do resorte de gancho. E assim, onde antes dominava, em plena segunda metade do séc. I antes de Cristo, o uso da fíbula Nauheim na indumentária feminina, passou desde então a preferir-se a fíbula de espiral coberta ou protegida, a qual, coincidindo com aquela no tamanho e no perfil, tinha a vantagem, no entanto, de ser tecnicamente melhor pela sua construção.

À luz das conclusões de J. Werner sobre a difusão, cronologia, origem e evolução das fíbulas de tipo Nauheim, é intuitiva, pois, a importância de que naturalmente se reveste a presença de tais fíbulas no

castro da Lomba do Canho, em Arganil, no próprio coração da Lusitânia. Ela é, por assim dizê-lo, a expressão arqueológica de uma realidade histórica a evidenciar em escavações futuras, mas que em certo modo já se deixa vislumbrar, não obstante a escassez do material de estudo de que dispomos ao presente e que se reduz a pouco mais que às duas fíbulas que vamos passar a descrever, sendo a primeira vez, julgamos nós, que se assinala a sua existência em Portugal e até mesmo na Península, como se infere da lista dos achados elaborada pelo Prof. J. Werner *art. cit* pp. 182-186, que, de resto, em carta ao signatário, de 21 de Janeiro

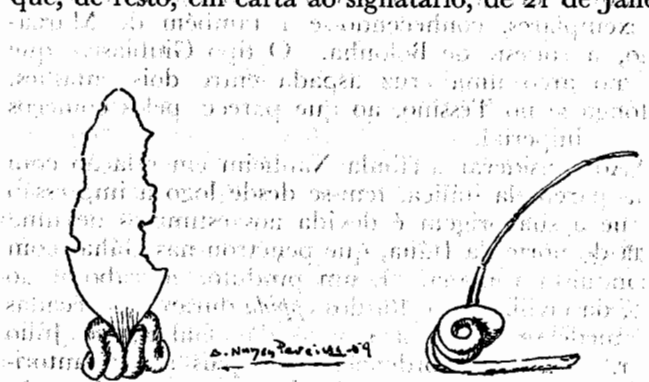


Fig. 8.— Fíbula, de tipo Naubeim, do castro da Lomba do Canho, em Arganil.

(Desenho de A. Nunes Pereira)

de 1959, diz precisamente que não só o material em causa «gehört tatsächlich zum Typ der Nauheimer Fibel», senão que também «es ist ja nun sehr interessant, dass derartige Formen sich auch auf der iberischen Halbinsel einstellen».

1) Fíbula de arco liso (fig. 8), incompleta, faltando-lhe o pé, além de parte do arco e do fusilhão. Pátina clara e luzidia. É do género de um dos pares contidos na sepultura 14 da necrópole de Hopstäden, em Birkenfeld, na Alemanha, que, a título de material comparativo, aqui reproduzimos (fig. 9), segundo J. Werner *art. cit.* p. 193 fig. 7 (3 e 4). Apa-

receu por cima da camada de blocos de pedra que cobria o solo térreo de um alojamento situado no extremo da acrópole do castro, na zona voltada a noroeste, em um estrato que igualmente possuía um asse de bronze irreconhecível, mas de módulo idêntico ao de tantos outros encontrados na mesma estação arqueológica e peculiares dos últimos tempos da República Romana.

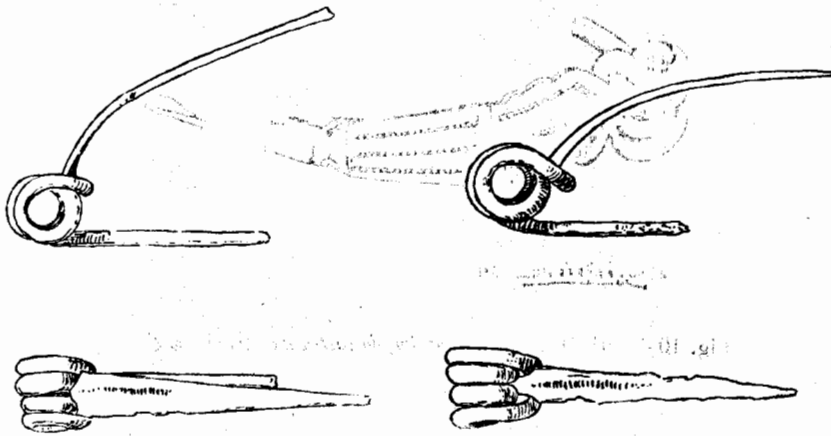
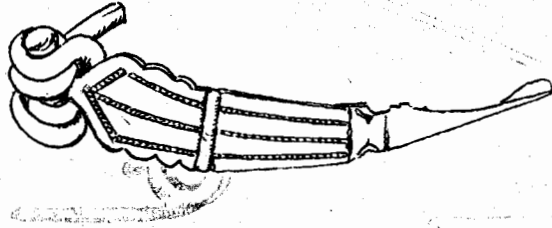


Fig. 9 — Par de fibulas de Hoppstädten, em Birkenfeld, na Alemanha.

blica. Ao nível do solo, por debaixo da referida camada de blocos de pedra, ou seja, no estrato arqueológico da base, havia no interior do compartimento um grande contingente de armas romanas, constituído por cerca de 40 projecteis de catapulta, 3 folhas de lança, 3 pontas de dardo e 8 glandes de chumbo dos fundibulários, as quais parece que deixaram de ser usadas pelo exército romano a partir da batalha de Perúsia, no ano 40 a. C.

2) Fíbula de arco decorado (fig. 10), incompleta, faltando-lhe parte do fusilhão e do pé, de cujo quadro

subsiste apenas um vestígio incipiente. A pátina escura e fortemente luzidia. A avaliar pelo que resta (7,4 cm. de comprimento), devia ser de tamanho bastante apreciável. A mola, que tem uma espira partida, talvez de origem, oferece a particularidade de estar cravada pelo olhal do eixo, de lado a lado (1). O arco, além de decorado, é recortado. Quanto à decoração, que estilisticamente é similar à de um broche-fíbula



A. Nunes Pereira. 1959

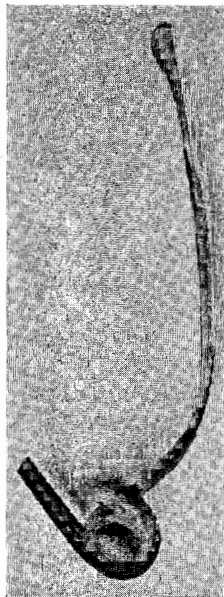
Fig. 10 — Fibula, de tipo Naubeim, do castro da Lomba do Canho, em Arganil.

(Desenho de A. Nunes Pereira)

do mesmo castro, recentemente publicado (2), consiste num triplo friso longitudinal, formado cada qual por uma fiada de pequeninos círculos ou pontos entre linhas paralelas, que duas incisões em sentido transversal interrompem na zona de transição da borda lisa para o recortada. Na parte oposta ao pé, os frisos marginais convergem para o meio, encontrando-se com o central num ponto único de arranque. A tais

(1) Idêntico pormenor apresenta uma fibula de «Mont-Terrible», Porrentruy, comuna de Cornol, em França, de inícios de La Tène, publicada por L. Lerat *ob. cit.* p. 25 fig. 1, e parece que também um exemplar de Giubiasco, de tipo Cenisola, a julgar pelo desenho dado por J. Werner *art. cit.* p. 188 fig. 2 (9).

(2) J. de Castro Nunes «Broches-fibulas em castros portugueses» (*Zephyrus* IX 1958 pp. 231-233).



Fotografia da fibula representada na figura 10.

Tamanho natural

frisos, que morrem bruscamente sem voltar a encontrar-se, segue-se, em direcção ao pé, um requadro entre duas outras incisões paralelas às primeiras e decorado aos lados por um entalhe anguloso na aresta superior de cada borda, à maneira da clássica fíbula de Stradonitz, que é, do nosso conhecimento, a que mais se lhe assemelha. Trata-se, por conseguinte, dentro do tipo Nauheim, de uma fíbula invulgar pela rica decoração do arco e, mais que tudo, pelos finos recortes que a aproximam da variante Vill, dando ideia de um exemplar de transição ou, talvez melhor, contaminado. Por isso, é de pensar que talvez proceda de regiões chegadas à zona de predomínio desta, no norte da Itália. Apareceu ao praticar-se uma vala estratigráfica no recinto da acrópole, em condições idênticas às da primeira fíbula, ou seja, por cima da camada de blocos de pedra que cobre o chão do povoado em consequência do desmoronamento das respectivas construções. Tanto uma como outra pertencem, pois, ao mesmo horizonte estratigráfico, a partir do qual é arqueologicamente estéril o terreno.

Dado o curto período de tempo durante o qual esteve em voga o uso de tais fíbulas — e daí, como já vimos, o seu valor como referência cronológica segura para os estratos em que a sua presença se regista — é óbvia a atribuição deste horizonte ao escasso meio século que vai da ocupação das Gálias às décadas finais do reinado imperial de Augusto, momento a partir do qual a vida cessou no povoado, cujas ruínas surgem sob um manto de cinzas e carvão, testemunhando a sua destruição violenta e subitânea, como inculcam aliás os abundantes despojos militares, de alguma guarnição romana, abandonados no interior do referido alojamento por debaixo dos escombros das paredes derruídas.

Que aos acontecimentos que puseram fim à vida no castro, em dada altura convertido, ao que parece, em local de estacionamento de tropas romanas, não foi alheia a intervenção, passiva ou activa, de contingentes galos, talvez da Cisalpina, revelam-no sem dúvida, quando mais não seja, as presentes duas fíbulas, a relacionar com a expansão romana, é certo, mas em todo o caso estranhas ao seu correspondente

mundo cultural. Estariam estes galos do norte da Itália ou do sul da França integrados, como auxiliares, na suposta guarnição romana, vítima de qualquer ataque de surpresa por parte dos indígenas, ou, como sugere a posição estratigráfica do material em causa, fariam antes parte das forças de César na sua luta contra os partidários de Pompeio? Eis um aspecto da questão que só o prosseguimento dos trabalhos poderá dilucidar, cumprindo ter ainda em mente, no entanto, que muito bem se pode dar o caso de tais fíbulas, que por sinal são de mulher, constituírem nem mais nem menos do que o remanescente arqueológico de um desses grupos de emigrantes vindos das Gálias e entrados na Península, com filhos e haveres, ao amparo das legiões romanas, de que em 1951 nos falava o Prof. A. García y Bellido (1) na sua sugestiva comunicação apresentada ao II Congresso Nacional de Arqueologia, em Madrid, de onde extraímos as palavras com que rematamos esta nota:

«Corría el año 49 antes de J. C. y Caesar se hallaba ocupado en Ilerda (Lérida) en la difícil lucha contra los pompeyanos mandados por Afranius y Petreius. Entonces (Caesar B. C. I. 51) llegó al campamento de los pompeyanos la noticia de que estaba a punto de alcanzar los reales de Caesar un convoy de auxilio custodiado por flecheros rutenos y ginetes galos en número crecido. Este convoy venía de las Galias. No vamos a entrar ahora en el examen de la situación militar. Nos interesa solo subrayar que con este convoy venía, también, y además, cobijada sin duda por el amparo que estas fuerzas les prestaban, una turba de «emigrantes» que el texto cesáreo calcula en unos 6.000 hombres de varia condición, acompañados de sus esclavos y sus hijos (*cum servis liberisque*). Esta turba no traía jefe alguno y cada uno obraba a su arbitrio, según le convenía (*sed nullus ordo, nullum imperium certum, cum suo quisque consilio uteretur*). Estas frases de Caesar indican, con diafanidad

(1) «Pequeñas invasiones» y «transmigraciones» internas (II Congreso Nacional de Arqueología-Madrid 1951 Zaragoza 1952 pp.231-236).

ejemplar, que no hacían parte del convoy de auxilio militar, sino que se habían «pegado» a él para emigrar para España usando de su amparo. Por ello caminaban sin precaución, sin orden ni obediencia, siguiendo — dice el texto — las costumbres con que se viajaba antes, en tiempos de seguridad (*superum temporum atque itinerum licentia*). Iban entre ellos muchachos de buenas familias, hijos de ciudadanos romanos, de senadores y caballeros (*erant complures honesti adulescentes, senatorum filii et ordinis equestris*).

El texto es, a mi juicio, precioso, y creo no se ha llamado la atención aún sobre él a estos respectos. Se trata de una emigración considerable que se podría calcular, adjudicando a cada individuo un promedio de tres hijos y otros tantos siervos, más las mujeres, en unos 20.000 individuos, calculando por lo bajo. Se trataba, pues, de una transmigración en masa, que para la densidad de población entonces admisible en la región de Lérida, del Segre o del Ebro, significaba cambiar sencillamente la proporción étnica, sanguínea y lingüística de la región donde se estableciesen finalmente. Cuál fué ésta? No lo sabemos. Ignoramos a donde fué a parar esta masa de hombres venidos de las Galias y quién sabe si de más lejos (el alto Rhin, Suiza?). Es más, estos emigrantes no eran gentes destinadas a esfumarse absorbidas por un ambiente extraño. Su calidad de ciudadanos romanos — en parte — (había hijos de senadores y de équites) les destinaba a ser elementos directores de una aristocracia que, allí donde se asentase, acabaría por imponer sus usos y costumbres, sus deidades y sus gustos, armas y utensilios, dando a su vida un sello que el arqueólogo lo tropieza, como impreso indeleblemente, en la cerámica, en las armas, en la antroponimia, en la toponimia y en los nombres de deidades sin que sepamos la mayoría de las veces cómo explicárnoslos.

Pues bien (es lo que quiero insinuar), estamos aquí ante una fuerte inmigración de elementos raciales y lingüísticos ajenos al fondo indígena y bien fechada en el año 49 antes de J. C. Es pues una emigración histórica porque nos la ha transmitido la Historia, sin la cual hubiese pasado totalmente inadvertida y sin perfiles en la arqueología y en la lingüística.

Ahora pregunto: Cuántas emigraciones habrá habido como éstas, y más importantes, que por su carácter pacífico, tranquilo, «anónimo», pudiéramos decir, no han dejado huella histórica apreciable?».

Salamanca, Abril de 1959.